

OBRAS PASTORAIS E DOUTRINÁRIAS
DO MUNDO IBÉRICO

LIBRO DEL CONSEJO E DE LOS CONSEJEROS

Douglas Mota Xavier de Lima
Universidade Federal do Oeste do
Pará

O ensino da fé cristã na Península Ibérica
(sécs. XIV, XV e XVI)



Obras Pastorais e doutrinárias do mundo ibérico

Libro del Consejo e de los Consejeros

Para citação e referência:

LIMA, Douglas Mota Xavier de. “Libro del Consejo e de los Consejeros”. In: TEODORO, Leandro Alves (Org.). **O ensino da fé cristã na Península Ibérica (séculos XIV, XV e XVI)**. Banco de dados (Online). 2020. Disponível em:
Consulta em: XX/XX/ XXXX.

Libro del Consejo e de los Consejeros

Obra da literatura sapiencial castelhana de inícios do século XIV (c.1306-c.1336), o *Libro del consejo e de los consejeros*, de Maestre Pedro, é o primeiro tratado ibérico a se dedicar especificamente ao tema do conselho e dos conselheiros reais, objeto que recebeu crescente atenção nos séculos seguintes. No século XV, o tratado fez parte do acervo de Isabel, a Católica, o que indica a sua relevante inserção na corte castelhana.

Desde o século XIII, assiste-se no Ocidente medieval ao processo de institucionalização dos conselhos, movimento que se manifesta na formalização de regimentos para a instância, na especialização das funções e dos conselheiros, e na preocupação crescente com as qualidades dos membros do conselho¹. Ao passo que o conselho régio ampliava as suas funções, evidencia-se a multiplicação de discursos sobre o príncipe e o exercício da realeza, assumindo destaque especial o gênero dos *specula principis*, uma vasta literatura com raízes na Antiguidade Clássica, nos pais da Igreja e mesmo em tradições textuais do mundo muçulmano. Desse processo, acentua-se em finais do medievo um conjunto de obras sobre a responsabilidade do monarca no sentido de saber reconhecer e escolher bons conselheiros, textos que podem ser classificados como espelhos de conselheiros². São exemplos ibéricos: o *Libro del Consejo e de los consejeros*, de Maestre Pedro; o *Leal Conselheiro* (1438), de D. Duarte; o *Consejo y Consejeros del Príncipe*, de Fadrique Furió Ceriol (1559); e o *Tractado del Consejo y de los Consejeros de los Príncipes*, de Bartolomeu Filipe (1584).

Conforme Rincón (2006), o *Libro del Consejo e de los consejeros* expressa o abandono quase completo da tradição oriental, com principal exemplo ibérico em *Kalila e Dimna*, em favor de autores gregos, romanos e cristãos. Como expressão da arte da compilação que caracteriza a literatura medieval, o *Libro del Consejo e de los consejeros* traz o levantamento e a ordenação de diferentes fontes sobre o aconselhamento, baseando-se, sobretudo, no *Libro consolationis et consilii*, de Albertano de Brescia, por meio de quem são citadas a maior parte das autoridades bíblicas, patrísticas e clássicas³. Outras referências presentes na obra de Maestre Pedro são: *Alexandreis*, de Gautier de Châtillon; Prisciano, por meio do *Florilegium Gallicum*;

¹ MICHON, C. “Essai de synthèse. Conseils et conseillers en Europe occidentale (v. 1450-v.1550).” In: MICHON, C. (dir.). **Conseils et Conseillers dans l’Europe de la Renaissance (v.1450-v.1550)**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2012.

² MUNIZ, Márcio Ricardo Coelho. “Espelho de conselheiros: um possível gênero da literatura política ibérica.” **Floema**, ano 1, n.2, p.101-134, dez. 2005.

³ TAYLOR, Barry. “La capitulacion del *Libro del consejo e de los consejeros*.” **Incipit**, Buenos Aires, v. 14, 1994, pp. 57-68.

Communioloquium, do franciscano Juan de Gales; *Manipulus Florum*, de Thomas Hibernicus; fontes castelhanas como *Bocados de oro*, *Vida de Segundo*, *Flores de Filosofia* e *Castigos e documentos del rey D. Sancho IV*.

A autoria da obra, apesar de imprecisa, sustenta-se na identificação “*Yo Maestre Pedro*”, presente no prólogo. Parte da historiografia, no entanto, considera Pero Gomez Barroso, membro do conselho de Afonso XI e bispo de Cartagena, como o autor do tratado. O leitor contemporâneo dispõe de duas edições do documento: a primeira, editada por Agapito Rey (1962); e outra, mais recente, publicada por Barry Taylor (2014). A principal diferença entre as edições encontra-se no estudo introdutório, mais aprofundado em Taylor, que discorre sobre diversos aspectos relacionados ao texto, em especial o contexto do manuscrito e sua recepção cortesã. Ambas as edições sustentam-se no Ms. E (Escorial, ms. Z-III-4), escrito em letra gótica, que pertenceu à rainha Isabel de Castela, do qual derivam os Ms. A (BNE, ms. 6559), o Ms. B (BNE, ms.6608) e o Ms. C (BNE, ms. 9216). Todos os documentos são datados do século XV e encontram-se incompletos. A existência dos manuscritos quatrocentistas e o fato de nos exemplares E e A o tratado de Maestre Pedro encontrar-se associado à obra *Castigos e documentos del rey D. Sancho IV*, indicam a importância e a circulação do tratado no século XV.

Maestre Pedro explicita no prólogo que o *Libro* irá tratar de três temas centrais: “*que cosa es consejo*”; “*quales han a ser los consejeros*”; e “*quantas son las cosas que embargan a todo buen consejero*”. A obra estrutura-se em torno da oposição entre o bom e o mau conselho/conselheiro, contraste que favorece a exemplaridade buscada pelo tratado. A preocupação com a moral reverbera ao longo do texto, com o autor enfatizando os vícios que são contrários a todos os bons conselheiros. Em síntese, os vícios são: a ira (cap. VII); a cobiça (cap. VIII); o arrebatamento do coração (cap. IX); a falta de temperança, tanto no modo de agir como de falar (cap. X); a torpeza e a loucura (cap. XI); o ser lisonjeador (cap. XII); as inimizades (cap. XIII); o amor oriundo do temor (cap. XIV); a embriaguez (cap. XV); as duas línguas, homens chamados “bislinguis”, que falam determinadas coisas boas na presença da pessoa, mas, quando ela se vai, maldizem-na (cap. XVI); a maldade (cap. XVII); a juventude (cap. XVIII).

Sendo o conselheiro uma figura relevante na governação e de crescente importância na Baixa Idade Média, a tradição especular passa a considerar com maior autonomia e detalhamento o que se espera do aconselhamento e daqueles que proferem conselhos, além de enfatizar o dever régio de escolher e honrar os seus privados. Inserindo-se nesse movimento,

Maestre Pedro constrói um tratado didático que define as virtudes necessárias para o aconselhamento, prerrogativas que, se não observadas, podem levar o reino a consequências negativas, com os males que nascem de cada vício presente nos maus conselhos/conselheiros. Ao esquematizar como deve ser o aconselhamento, Maestre Pedro estabelece um ideal para o ato de aconselhar, para os conselheiros e para a instância do Conselho. Desse modo, ao passo que exorta os homens que procuram ocupar tal lugar de destaque ao lado dos monarcas, o tratado orienta o próprio rei no processo de escolha de seus conselheiros e de avaliação dos conselhos recebidos.

Palavras-chave: Conselho Régio; Conselheiros; Aconselhamento; Espelho de príncipes; Castela.

Douglas Mota Xavier de Lima
Universidade Federal do Oeste do Pará

Bibliografia

Edições modernas da fonte:

PEDRO, Maestre. **Libro del consejo e de los consejeros**. Edición de Agapito Rey. Zaragoza: Biblioteca del Hispanista, 1962.

_____. **Libro del consejo e de los consejeros**. Edición de Barry Taylor. San Millán de la Cogolla: Cilengua, 2014.

Referências Bibliográficas

LIMA, Douglas Mota Xavier de; RODRIGUES, Êmily Sthephane. “O perfil dos conselheiros na Baixa Idade Média Ibérica: o *Libro del consejo e de los consejeros*.” **Revista Eletrônica História em Reflexão**, Dourados/MS, v.12, n.24, 2018, pp.235-253.

MICHON, C. “Essai de synthèse. Conseils et conseillers en Europe occidentale (v. 1450-v.1550).” In: MICHON, C. (dir.). **Conseils et Conseillers dans l’Europe de la Renaissance (v.1450-v.1550)**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2012, pp.341-412.

MUNIZ, Márcio Ricardo Coelho. “Espelho de conselheiros: um possível gênero da literatura política ibérica.” **Floema**, ano 1, n.2, p.101-134, dez. 2005.

NOGALES RINCÓN, David. “Los espejos de príncipes en Castilla (siglos XIII-XV): un modelo literario de la realeza bajomedieval.” **Medievalismo**, n.16, 2006, pp.9-39.

TAYLOR, Barry. “La capitulacion del *Libro del consejo e de los consejeros*.” **Incipit**, Buenos Aires, v. 14, 1994, pp. 57-68.

Trecho traduzido e modernizado

Transcrição

(Prólogo do documento): Segundo conta um sábio nomeado de Servio, quando alguma obra boa e proveitosa é lida e se demonstra algo de novo ante muitos homens, é costume que geralmente cada um deles tenha entendimentos específicos das coisas que ouvem; assim que alguns, não querendo dizer mal do bem, louvam muito aqueles que ouvem e se aprazem com isto; os outros, movidos por três coisas, uns por inveja, e por malquerença que sentem, por não terem em si o saber completo para fazer aquela obra adequadamente, como se deve fazer, denunciam e argumentam mal do que é bem dito e lamentam sobre isso. E segundo diz este sábio, não é maravilha, porque a natureza dos homens é assim empiorada e presta mais a fazer mal do que a perdoar e raciocinar o que é contrário e até julga as coisas duvidosas da pior maneira possível. Porque três coisas os impedem muito mal. E a primeira é o não saber.

Autor do documento: Mestre Pedro (Pedro Gómez Barroso).

Nome do documento: *Libro del consejo e de los consejeros*

Data da composição: c.1306-c.1336

Imagem: Biblioteca Nacional de España:

<http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000012548&page=1>



z Debohas z de peccados z de las enellas q' de lo que
 que nacen fust' a un año son feghas q'ir manas han
 aser z el ome non es asy. Q' de lo que nace fust'
 trayneta años non es acalco ome. Q' asy. uno es
 mas fuerte de cruz z de fizez que otra any mala bie
 asy. mas mas ayua z de menos asy que otra cru
 ra. Q' do: erde para unmes uno fijo que toco en u
 m' d' f' non d'os que es sobre todo. Como d'yo
 el Rey Salamon. Bienaventurado es aquel que lo ay
 noce z lo sabe z lo guarda. Q' nos el Rey Dou Sicho
 que fize meo este libro lo acabamos aqui en este capitulo
 en la era de mill e trescientos e noventa e dos años.

Segund cuenta q' un sabio non ha sermo q'ndo alguna obra buena
 se prouechofalee o demuestra algu
 mencia mente ante muchos ois cos
 tumbre es z quele assefex que cada
 uno de los toman sus entred' iumento de p'ncios de
 las cosas que oyen. Asy que los vnos non queriedo
 de ser mal del bien lo an muyho aquello que oen z
 plage les onello. Los otros muydos por tres cosas
 lo vno por envidia z lo al por mal quezencia que toman
 o por que non han en ser el saber. amptada mente para
 fizez. aquella obra amptada mente segund se dice se
 e si demuestran z fazonan mal lo que es bien dicho
 z pesales onillo. Q' segund dice este sabio non es ma
 ranylla por que la natura de los ois anyhas en peccar
 da z mas presta a fizez mal que a peccar. z fazon
 naz lo que es contrario z ay un d'yo las asyas dulces
 las enlo por que pueca ser. Ca tres cosas son q' lo
 enbarcan muy mala mente. Q' el p'ncio es el no

Segund cuenta q' un sabio non ha sermo q'ndo alguna obra buena se prouechofalee o demuestra algu mencia mente ante muchos ois costumbre es z quele assefex que cada uno de los toman sus entred' iumento de p'ncios de las cosas que oyen. Asy que los vnos non queriedo de ser mal del bien lo an muyho aquello que oen z plage les onello. Los otros muydos por tres cosas lo vno por envidia z lo al por mal quezencia que toman o por que non han en ser el saber. amptada mente para fizez. aquella obra amptada mente segund se dice se e si demuestran z fazonan mal lo que es bien dicho z pesales onillo. Q' segund dice este sabio non es maranylla por que la natura de los ois anyhas en peccar da z mas presta a fizez mal que a peccar. z fazon naz lo que es contrario z ay un d'yo las asyas dulces las enlo por que pueca ser. Ca tres cosas son q' lo enbarcan muy mala mente. Q' el p'ncio es el no